



UMA VIDA PARA REFAZER-SE

Depois que deixou a casa da mãe para brilhar no picadeiro, Cida casou, teve seis filhos e se separou. Foi por ter conhecido solidão, desamparo e preconceito que perdeu o medo de reconstruir-se

Já é noite. O vento balança com força a lona leve que cobre o Circo Fantástico, um movimento tão grosseiro que expõe, sem qualquer cerimônia, o esqueleto nu da bancada. “Esse vento forte assim dá até medo, mas Deus vai ajudar”, torce a proprietária Maria Aparecida da Silva Vilar, a Cida. Ancorada na crença de que o dinheiro estava na Serra Grande, ela deixou o sertão dos Inhamuns, região mais seca do Ceará, e seguiu para armar o circo em um terreno público do Município de Carnaubal.

Poucos dias depois da estreia, o público ainda é pequeno. Nem mesmo os artistas anões, acostumados a arrastar plateia por onde passam, têm garantido uma boa praça. “Os colegas circenses sempre perguntam onde arranjo tanto anão, porque aqui tem bem oito. Vou trazendo comigo por onde eu passo. Mas eles aqui eu digo que já são da família, porque estão comigo há muitos anos”, conta Cida. Tanto que Ivanildo, que praticamente nasceu no circo Fantástico e hoje segue lá com a esposa e a filha, foi promovido para, além do picadeiro, trabalhar como secretário. É dele a responsabilidade de fazer a linha de percurso do circo.



Redemoinho rasgou parte da lona do circo de Novidade. Dias após a visita da reportagem, ele conseguiu, com a ajuda dos amigos, uma lona nova

Hoje, são 35 artistas no Fantástico, 22 deles contratados para receber salários que variam de R\$ 60 a R\$ 350 por semana. Igualmente remunerados, filhos, netos e noras de Cida também participam do espetáculo. O tempo que demora para a preparação dos filhos Ivânio e Alysson subirem no pêndulo e no globo da morte é o mesmo que Cida utiliza para deixar a lona e seguir em direção ao ônibus, onde mora, para rezar. “Devagarzinho, viu Ivânio? Você sabe que tem hora que eu morro de medo”, suplica a mãe, ao deixar as cortinas do circo.

Cida Vilar administra o Fantástico com a ajuda de quatro dos seis filhos que pôs no mundo. Quando se divorciou do marido, há 20 anos, a vida lhe ensinou duas coisas: a refazer-se quando o mundo faz parecer impossível e a impor-se no furacão que é o preconceito contra a mulher circense. Porque não conhecia outra vida, ela decidiu seguir na estrada – não sem antes o marido exigir a metade de tudo o que haviam construído juntos, uma forma de ele mesmo reconstruir a própria vida por outras paragens.

“ELE LEVOU A METADE DO CIRCO. O QUE NÃO LEVOU EU COMPREI. FIQUEI SEM CARRO, SEM CAMINHÃO NEM NADA. NÃO TINHA UM REAL PRA MUDAR O CIRCO”

CIDA

“Ele levou a metade do circo. O que não levou eu comprei. Fiquei sem carro, sem caminhão nem nada. Não tinha um real pra mudar o circo”, lembra Cida. O talento dos filhos e o apoio dos artistas, porém, a ajudaram a reconstruir-se. A menina que abandonou a casa da mãe aos 12 anos porque queria brilhar nos palcos enfrentou divórcio e solidão

Há poucos dias, ela quase perde a esperança, porque não conseguia honrar a folha de pagamento do circo, até que o público chegou e deu tudo certo. “A gente, que não atende pai nem mãe, paga o preço, viu? Eu paguei um preço alto. Acho que ainda tô pagando até hoje”, ela diz, enquanto deixa as lágrimas lhe lavarem o rosto.



Redemoinho rasgou parte da lona do circo de Novidade. Dias após a visita da reportagem, ele conseguiu, com a ajuda dos amigos, uma lona nova

Cida morava com a mãe e as nove irmãs na cidade pernambucana de Belo Jardim, quando uma das irmãs começou a namorar um artista do circo que estava na cidade. Encantada pela possibilidade de ganhar as estradas, Cida colou na irmã para fugir com ela para o circo. Mas o plano das duas foi prematuramente descoberto pela mãe, que pediu a um parente policial para prender as duas meninas. Ao circo, a Polícia deu 24 horas para deixar a cidade.

Cida

Depois de dois dias enclausuradas, as duas meninas foram levadas a um sítio da família. Cida, aos 12 anos, não conseguia tirar da cabeça a ideia de ir embora com os artistas. “Desde pequena, eu não podia ver um cigano que queria fugir”, conta. Foi quando uma amiga disse que, se ela quisesse, lhe daria o dinheiro da passagem para ela ir encontrar o circo na cidade vizinha.

Era fim de novembro. Cida arrumou algumas roupas e seguiu para a estação de trem, encantada com os trilhos que não conhecia. Quando chegou ao circo, o dono reagiu com indignação: “O que você veio fazer aqui? Não basta o que aconteceu lá?”. Cida começou a chorar, mas ainda encontrou forças para dizer que não ia mais voltar. O namorado da irmã decidiu interferir e se comprometeu a cuidar dela e da irmã, que chegaria depois. O Juizado de Menores ainda localizou as meninas, mas a mãe desistiu de tentar convencê-las a voltar.



Crianças assistem ao ensaio do Circo Fantástico

CIDA

“Eu queria brilhar no palco. É tão provado que eu cheguei ao circo de manhã e de tarde eu já tava nos bailados”, lembra Cida. Ela foi trapezista, malabarista e mestre de cena. Só deixou o picadeiro depois que, casada com o dono do circo, começou a ter que se dedicar mais aos meninos. Enquanto viajava pelo Norte, Cida sentia a saudade da família apertar, mas o reencontro com a mãe só foi possível 12 anos depois daquele novembro de fuga. “Minha mãe já achava que eu tinha morrido. Quando encontrei, ela desmaiou”, conta.

Aos 56 anos, Cida já soma mais de quatro décadas dedicadas à lona. “Minha vida é o circo”, ela diz. E por ter essa certeza, estranha quando os filhos a perguntam se ela não pensa em envelhecer no conforto de uma casa. A resposta vem rápida para que não haja espaço para dúvidas: “Eu quero morrer em circo. Quero ser velada depois de um lindo espetáculo”.

0:00 / 1:01

EXPEDIENTE

Diretor-Editor: Ildefonso Rodrigues
Editora Executiva Digital: Ívila Bessa

Concepção: Dahiana Araújo e Beatriz Jucá

Revisão: Eduardo Solon, Vânia Monte e Lúcia Coelho

Editor da Unidade de Imagem: Eduardo Queiroz

Fotografias: Kid Júnior, Beatriz Jucá, Fabiane de Paula e Arquivo pessoal dos circenses

Vídeos: Ítalo Ribeiro, Gabi Madeiro, Glênio Mesquita, Beatriz Jucá, Fabiane de Paula

Motorista: Marcos Júnior

Edição de arte e ilustrações: Lincoln Souza

Projeto gráfico, webdesign e infografia: Marina Mota

Front-end: Gabriel Melo

caderno3@diariodonordeste.com.br

